



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 14 de Novembro de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 983 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

1 Mais dois casos, nesta quinzena, a confirmarem que a origem dos males e das dores que nos afligem, não está somente na falta de pão e casa, mas tem raízes mais profundas e dolorosas.

O primeiro: Um pai que nos apareceu com um filho de três anos ao colo e uma filha de sete pela mão. A angústia nos olhos; barba por fazer e fato em rugas — revelavam dor no coração. Viviam em Espanha. A esposa fugiu de casa, e ele, perdido e desorientado, veio pedir-nos para ficarmos com o menino.

O segundo: Outro pai a trabalhar na Suíça, que nos telefona a contar que a esposa deixou no Porto o filho ao deus-dará e se foi. Não têm família, não conseguiu colégio e pede que tomemos conta.

Não faltavam, nestes dois lares, o pão, a geleira, a televisão, os cobertores no Inverno e até a praia no Verão.

Faltou o sentido cristão, humano e responsável do Matrimónio. Houve uma demissão e inversão de valores, que medram na «terra boa» da nossa sociedade.

Deu-me tanta pena ver estas crianças na tona da maré caprichosa! Mesmo que o acaso as ponha numa praia tranquila — elas perderam já a paz de coração.

Era uma estrutura capaz de chamar à ordem e à responsabilidade os «paisinhos».

«Quê? As pessoas são livres.»

Basta que a sociedade diga «coitadinhos!»; e os jornais armem o sentimento.

Se um dia aquelas mães roubarem uma carteira, irmão, sim, ao banco dos réus... Atirar os filhos pela barra fora, é normal.

2 Foram nomeados novos mordomos e prometeram fazer uma festa mais de «romba». Parabéns.

Se andamos atrás do nosso Deus acenando com promessas para que cuide dos nossos interesses — fazemos d'Ele um mero ídolo pagador de promessas.

Perto da romaria vive a família da casa do muro, que

Continua na 4.ª página

«OS POBRES SÃO AMIGOS DOS POBRES»

Trago ainda no pensamento a recente encíclica sobre que me debrucei já nestas colunas; e ando com as provas do 3.º volume do «Pão dos Pobres», em preparativos de nova edição. Páginas lidas e relidas tantas vezes e nunca a novidade lhes esgotamos!

Desta vez tropecei num texto encimado pela seguinte legenda: «Os Pobres são amigos dos Pobres». Da «Laborem Exercens» estava remoendo esta breve perícopa: «A Igreja acredita no Homem. Pensa nele e encara-o, não apenas à luz da experiência histórica, não apenas com os subsídios dos múltiplos métodos do conhecimento científico, mas, sobretudo e em primeiro lugar, à luz da Palavra revelada de Deus vivo».

Corria 1941 quando Pai Américo escreveu o aludido trecho. O jovem Karol Wojtyła aprendia, então, da experimentada dureza da vida, coisas preciosas e insubstituíveis àqueles que, alguma vez, hajam de ser condutores de homens. Hoje, Papa, com a ciência adquirida e a Sabedoria que a Graça lhe confere, ei-lo consagrando e enquadrando o pensamento há quarenta anos expresso por um padre em quem a comunhão no sofrimento dos Pobres que topava em seu caminho, produzia luz que lhe dava ver a

dor imensa que fere a Humanidade e antever o seu remédio: o Homem; só nele está o poder de remediar.

Que profunda e saborosa sintonia!

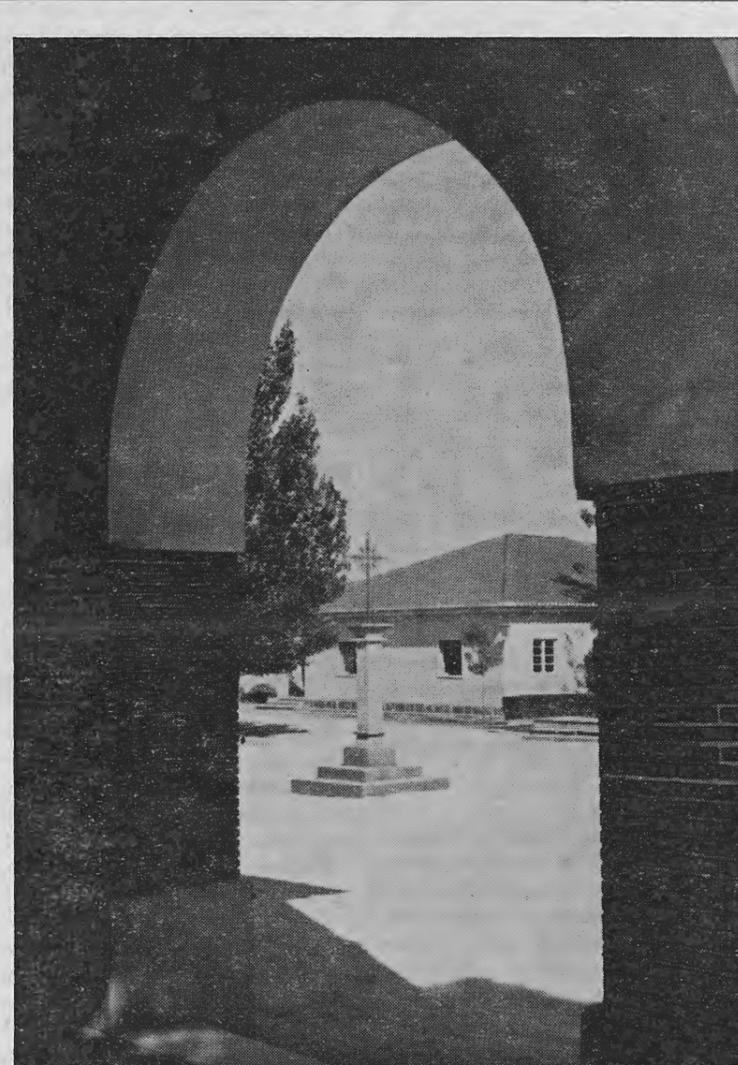
Também Pai Américo acreditava — e até ao fim acreditou! — no Homem, na bondade nele manente, por nenhuma outra causa senão por força da Bondade Infinita de Quem ele é criatura à semelhança. Descobrir esse filão, muitas vezes esmagado sob uma amálgama densa de nulidade e de erros, eis o grande projecto a desenvolver no encaicho da Justiça e da Paz.

No texto a que me reporto, Pai Américo descrevia o seu

encontro, «num pequenino bairro pobre, instalado entre oliveiras num cabeço da cidade», com «dois pequenos na casa dos oito e dos dez, aninhados num monte de palha, dentro das paredes de um casebre destelhado». A Mãe morrera-lhes no hospital e «uma mulher do lugar tomou conta dos garotos e dá-lhes de comer com enorme sacrifício».

Do sofrimento incarnado naquelas duas crianças e assumido por aquela Mulher — autêntica realização do Próximo! — Pai Américo subiu aos males que afligem as entranhas do nosso mundo onde, a par

Cont. na 4.ª página



Cruzeiro da nossa Aldeia, em Santo Antão do Tojal (Loures). «A Cruz permanece enquanto o mundo rodopia» — disse Pai Américo.

AQUI, LISBOA!

Terminamos hoje a série de apontamentos que temos vindo a esboçar sobre a problemática dos deficientes, apoiados sobretudo no documento, já referido, publicado pela Santa Sé, e na Nota Pastoral dos Bispos Portugueses, a propósito do Ano Internacional das Pessoas Deficientes.

A participação dos deficientes na vida social deve pautar-se por três princípios fundamentais, a saber: o da integração, o da normalização e o da

personalização. Todos eles pressupõem a defesa da vida humana, em todas as circunstâncias ou estádios de desenvolvimento, porque a vida é sagrada; e exigem a humanização dos cuidados a prestar na assistência aos deficientes, porque, só por si, a técnica é fria e incapaz de recuperar aquilo que se pretende e supõe aspectos psicológicos a ter em conta, particularmente quando há traumas mentais.

O primeiro princípio enun-

ciado, o da integração, contrapõe-se à tendência ao isolamento, à segregação e à marginalização da pessoa deficiente, excluindo também a mera tolerância. Integrar supõe e exige toda uma série de iniciativas ou de acções em ordem a reconhecer no diminuído um sujeito pleno de direitos, segundo as suas potencialidades, seja na vida familiar, na Escola, no trabalho e, dum

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

VISITA — Manuel João veio para nós quando era muito pequenino. Hoje é um homem na luta pela vida. Teve as suas férias e veio ter connosco, onde passou uns dias na convivência com os outros. Já há muito que não sabíamos dele! Alegrou-nos muito a sua presença. É filho. Mesmo pródigos são nossos. E quanto mais pródigos mais alegria.

ZÉ MANEL — É um pequenino dos quatro irmãos que se foram buscar à lama onde «habitavam». É uma florzinha arrancada ao lixo. Não é lama. Nasceu nela...

Há dias vi-o nos braços de outro, pouco maior do que ele, que corria. Não liguei muito. Depois soube: tinha partido uma perna. Então dei muito valor à solicitude do que corria com o pequeno ao colo.

QUINTA DO ANJO — A terra com este nome tem sido p'ra nós um anjo que nos tira de muitas preocupações. Há muitos anos que um grupo de senhoras vem trabalhar um dia por semana a remendar a nossa roupa. O dia marcado é à quinta-feira. Se este for feriado vêm de véspera. Não falham. Não querem falhar. O que levará estas mulheres do povo a tamanha persistência? E quem nos tem alimentado de carnes? A carrinha vai e vem sempre abarrotada! Dentro, as senhoras sentadas no colo umas das outras. Cá fora, no tejadilho, sacos cheios de carnes! São os senhores da Socar que sabem das nossas necessidades e aviam-nos esta fatura. Não te admires de ver os nossos agarrados a um naco de pão, outro tanto de fiambriña, torresmo ou chouriço e ver os pratos recheados de outras carnes frescas. Tem sido uma faturinha. Viva a Quinta do Anjo! Viva a Socar.

GRUPO DO MARCOLINO — Eu ando nos meus afazeres. Cada vez que passo ouço gritos deste e daquele. Já não ligo: É o grupo do Marcolino. São os «Batatas». São os que varrem as ruas. É a iniciação na escola do trabalho. Não é missão fácil para o pequeno Marcolino. Daí os gritos, daí os berros, daí a impaciência do pequeno professor do grupo.

Eu não sei se as pessoas sabem avaliar. Tantos professores se queixam das crianças que têm nas escolas! Que diria o Marcolino se tivesse que se queixar?!

COZINHEIRO — Outro dia passei na cozinha. O «Cebola», actual cozinheiro, estava a estrelar ovos. Perguntei se davam p'rá malta toda. Ele esteve a fazer as contas e disse que sim. É a melhor maneira de saber ao certo quantos temos. Eles não falham à mesa!

ARROZ — Nós temos produzido dele p'ra outros lucrarem! Este ano não: fimitamo-nos a fazer uma pequena cultura para nosso gasto. Não

sei como vão ser os anos futuros... Este foi assim.

Desde o princípio até ao fim foi obra dos nossos rapazes — o nosso lucro!

Há bocadinho tocou prò almoço e lá vinha um grupo de ceifeiros com a foice ao ombro: — «Estou estourado!», dizia um e outro... E tinham razão p'ra isso! Este sentir será força para o futuro de cada um. Eles hão-de saborear o arroz que comem, por saberem do esforço de quem no cultivava.

REGOZILHO — Era domingo. Há tardinha saio de casa e vou com minha mulher desentorpecer as pernas. Pelo caminho soube a notícia: — «Chegou uma senhora!...»

Quis vê-la. E, à sucapa, fui-me abeirando da casa-mãe. Apareceu a pergunta: — «O que é que tenho que fazer?» D. Amália tranquilizou-a, dizendo que se não preocupasse com isso, que as coisas p'ra fazer apareceriam. Nos dias seguintes madrugou e arregaçou as mangas. E, até ver, ainda não lhe faltou onde e em que trabalhar! Ela nas limpezas, ela na copa, ela na cozinha — tem sido genica em todo o lado. Eu não reparei ainda como a tratam os rapazes. P'ra nós é a «São». Senhora nova, do povo, a trabalhar prò povo. Que o Pai do Céu lhe conserve esta força e que não sejam nunca as mezinhas do mundo a roubar a força do Ideal que no-la trouxe. Obrigado ao Pai do Céu!

OBRAS — Eu mandei vir vidros prà casa dois. Ainda não vieram todos, sim uma factura de onze mil. E que dizer de tintas e vernizes que vamos buscar à CIN?! E a cola pròs tacos e pràs alcatifas?! Por estas corremos de Herodes para Pilatos, do Barreiro para Lisboa e mais não sei para onde — mas encontramos as portas fechadas! Temos que ir lá prò Norte bater a outra porta, já que os nossos vizinhos não no-las abrem. Nós não nos queixamos, mas queremos ter com que agasalhar os nossos rapazes. Não é luxo; é a comodidade que tu procuras dar aos teus.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

CAMINHADA... — Os problemas da Habitação, do Ensino, da Educação, da Alimentação..., são espinhos que se alojam na consciência e no estômago das pessoas.

Famílias desfeitas, filhos abandonados são o resultado de más condições morais e sociais. No seu tempo, Pai Américo viveu o problema intensamente. Trabalhou. Lutou. Sofreu! Que seria de centenas de rapazes, se não fossem as Casas do Gaiato?!

Que sucede a muitos outros?!

As Casas do Gaiato não deveriam ser a solução — Pai Américo já o disse. No entanto, as mães solteiras, as viúvas continuam tão desamparadas...!

Os rapazes, ao entrarem em nossas Casas, trazem consigo um passado desolador: uns, nunca pernoitaram em cama digna; outros, mal sabiam o que é uma refeição; muitos, sem

o indispensável amor de um pai, de uma mãe...!

No Irmão mais velho, no Padre, nas Senhoras — que dão tudo, de si, por amor a esta causa — encontramos a nossa Família. Não somos a Família dos sem Família...!?

Educamo-nos a nós mesmos, crescemos..., tornamo-nos dignos!

O casamento de cada Gaiato é alegria que recorda manchas... de corações de pedra!

Jaime e Cândida casaram recentemente. Arménio e Maria Emília será no próximo dia 8 de Novembro. Sabem o que pretendem, pela vida fora.

Felicidades!

Morgado

MORGADO — O Morgado era, ultimamente, o nosso cronista. Foi para o serviço militar. Por isso, vou hoje tentar dar algumas notícias da nossa Aldeia. Sou o Carlos Manuel e o meu apelido é «Tiroliróló».

CASAMENTO — No dia 25 de Outubro casou, na nossa capela, o Jaime e a Maria Cândida. A cerimónia foi às 11 horas. Depois, o almoço. E, no fim, houve um convívio para todos. Passámos o resto da tarde com muita alegria. Felicidades para o novo casal.

DESPORTO — Já começámos as actividades desportivas de Inverno: ténis de mesa, damas, futebol, ginástica, atletismo. Cada rapaz escolhe o que mais lhe agrada para passar o sábado contente. Oxalá corra tudo bem.

OBRAS — Estão prestes a terminar as obras na casa três de baixo. Os carpinteiros dão já os retoques finais. Quando estiver pronta para habitar, daremos logo mais pormenores aos estimados leitores.

«Tiroliróló»

Senhora Rita

Senhora Rita vende no passeio

panos de louça

toalhas

aventais

que ora apregoa

expõe

do tabuleiro

ora esconde das rondas policiais

Senhora Rita decora o asfalto

da ilha à baixa

da carência

corre o negócio

ao pão

quando corre

A chuva

disputa ao sol a esquina o quarteirão

Como um indício urbano de estação

aos quatro ventos

entre xaille

e blusa

panos que compra

vende

— outros daria

que os anos tecem e o freguês recusa

Porto, Outubro, 1981 Santos Kim

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Foi trabalhador do campo. Como bombeiro, devotou-se aos Outros, nos tempos livres e não só...

Entretanto, já pensionista do regime geral da Previdência — 4.100\$00 de reforma — sofre grave doença e fica absolutamente inutilizado. Houve que ser internado no hospital. Regressa ao ninho e, à força de terapêutica, já pode sentar-se numa cadeira, bacio ao lado por incontinência d'urina e o resto...

Fica radiante quando nos vê, pois só arranha sílabas. — «Está sempre a perguntar por V.!...» — diz a mulher — que lamenta as carências que ora passam: — «Aproveite o tempo como posso... Dobo 20 quilos de fio por mês, p'rá fábrica, a 3\$00 o quilo. É o que vale, q'a reforma são 4.100\$00. E os rumédios!?!...»

Desabafámos com os nossos botões, silenciosamente: — Além do seu trabalho normal, deu parte da sua vida aos Outros, a qualquer hora do dia ou da noite — arriscando a própria vida! Está agora em piores dificuldades. É indecoroso para a Nação!...

Habita uma moradia do Património dos Pobres, mas a família precisa do suficiente para duas ou três refeições diárias; e para os rumédios — como ela diz, à sua maneira.

Enquanto voluntário, no activo, ele tinha suas acções cobertas, na hora do perigo, com seguro de vida (mais ou menos suficiente). Ora bem; porque não alargar o dito, oficialmente (as Corporações não podem...), em regime integrado, para doença e/ou velhice que incapacitam, até ao salário mínimo nacional — se forem Pobres, evidentemente? Não seria favor, mas um acto de Justiça.

● Ao lado daquele Prostrado é um Céu aberto! Se Zé sentado à porta, cada vez mais trôpego. Abrigado no pequenino alpendre, rústico, que Pai Américo riscou para quase todas as moradias do Património dos Pobres. Aperta-nos a mão e sorri:

— Olá, V. por aqui!?!...»

—...

— «P'ra mim o tempo já não conta... Estou no fim. Espero a Hora. Será quando Deus quiser. Ele é que manda e a gente obedece...»

Oração espontânea, salutar! Escutamos religiosamente, pois são horas d'ádivinas. Deus serve-Se dos Pobres para anunciar a Palavra...

— «P'ra mim o tempo já passou... Quero manear e já não aganto. Fui homem de muito trabalho...!»

Não vamos relatar as voltas da vida, até à menina dos seus olhos — a Lavoura. Daria muito espaço! Sublinhamos, apenas, quanto ele viveu de seriedade profissional, até nos poucos anos que labutou, ocasionalmente, na construção do aldeamento da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa:

— «O Pai Américo via ò longe e, depois, vinha ò pé de nós com paciência... Dizia bem ou dizia mal, consante as cousas q'a gente fazia. Q'ria trabalho honesto...»

Diálogo vivo! Um retrato de cidadão humilde, com a propecta idade de 91 anos! Vida cheia de Vida! Alma que respira Graça, ansiosa por entrar no Reino dos Justos — «quando Deus quiser. Ele é que manda e a gente obedece».

PARTILHA — Antes do mais, consoante a moradia cresce, a pobre mulher anda cada vez mais confundida! E tão escrupulosa que nos obriga a referir quanto falta...! Não, prezados Amigos, os Pobres nem sempre são exigentes. A nossa missão, no entanto, é sofrer com os que sofrem...

Hoje foi negócio de picheleiro, face à hipótese, viável, de colocar um polivan na moradia: — «Ai que bom! Assim temos possibilidade de tomar banho...!» Os olhos dela humedeceram, naturalmente.

Este é um pormenor indispensável, a bem da higiene e promoção social dos Pobres, na medida em que — repetimos — a partilha dos nossos Leitores chega para o efeito.

De facto, a alegria dela é tão grande que, no meio do impossível a seus olhos — como aos de todas as pessoas com Fé — só diz: — «Graças a Deus!» Concluindo nós: — Assim é — no presente do indicativo.

Recebemos, para a moradia, por intermédio do nosso Padre Luiz — Casa do Gaiato de Lisboa — 18.100\$00, assim indicados: D. Mafalda, 1.000\$00; Eng.º Henrique, o mesmo; primeira pensão social de uma Viúva, 100\$00; Anónimo, dez mil escudos; no Franco Gravação, mil; de outro anónimo, cinco vezes mais.

Com o mesmo objectivo recebemos, ainda, um vale postal de Armar; e esta grandeza d'alma, de Franceiros:

«Envio pequena quantia para ajuda da casa daquela mulher que luta por um lar para os seus filhos. Sei bem quanto isso custa, pois fiz uma ao abrigo da Lei 2092, que ainda estou a pagar. E as canseiras, horas de sono perdidas e — porque não dizê-lo? — até algumas lágrimas ela me custou! Por isso, gostaria de poder ajudar muito, pois seria uma alegria grande saber que tinha contribuído para a felicidade dos Outros. Seria, sim, uma alegria repousante, como que dando-me uma alma nova. (...) Peço uma oração ao querido Pai Américo para que me dê Fé, pois a minha — creio bem — é muito pouca.»

Alma grande! — repetimos. Cristã. Deus está convosco. Primeiro amar. Sempre! O Senhor dá o resto por acréscimo, agora ou amanhã. Ele é o Princípio e o Fim.

Sem rumo assinalado — a acção vicentina é tão vasta! — temos mais: mil da Guarda; metade da Rua Palmira (Lisboa); outros mil em discreto recorte de papel que sublinha a Humildade no anonimato; velha e grande Amiga, de Cascais, remanescente de contas em dia com O GAIATO; «por alma dos familiares de Angelina» 10 rands da África



Cont. da 1.ª página

modo geral, no âmbito da comunidade, política e religiosa. Depositário, é o termo, uma pessoa numa instituição hospitalar ou outra, marginalizando-a, sem mais querer saber dela, apesar de lhe assegurar todos os recursos materiais, é uma forma de discriminação ou de abandono intolerável. A chamada «hospitalite», que leva os indivíduos a perder a capacidade de relacionamento, de andar, de fazer uso de dinheiro, por exemplo, não teria ocasião de se manifestar, se



Eu tinha a certeza de que o meu apelo não ficaria sem resposta. Embora poucos, os donativos foram chegando.

Houve pessoas que ficaram contentes por verem novamente notícias de Ordins e me pedem para, sempre que possa, dizer alguma coisa deste cantinho. Quem não aparece é esquecido! A todos já agradeço directamente. Mas façam-nos novamente:

Pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa vieram alguns. Quem assina «Bem haja» não falta mensalmente. Quem dera mais como ele! Seguem do Porto, Lisboa, Rio Maior, Mangualde, Mem Martins, S. Pedro do Sul, Pinheiro de Loures, Setúbal, Foz-Coa, Escalhão, Águeda, Vila N. de Ourém, Luso, Aveiro, Cacém, Matosinhos, Tomar, Alcobaça, Braga, V. N. Famalicão e Lisboa. Isto o que vejo pelos endereços, porque alguns nem nome trazem! Querem que só Deus e eles o saibam.

Mesmo que as notícias não apareçam frequentemente, as necessidades estão sempre a aparecer; e sem a vossa ajuda nada podemos fazer, materialmente. Quanto mais damos, mais ricos nos tornamos perante Deus; tanto mais que Ele não se deixa vencer em generosidade.

Da minha parte desejo a todos Paz e bem-estar.

María Augusta

do Sul; e mais 250\$00 pela portadora com um sorriso amigo nos lábios. Mais ainda: velha Amiga de Estremoz, mil; Luso, 1.300\$00; Barcelos, mil que Assinante de O GAIATO reservou, em sua carteira, antes de seguir para Deus. Por fim, acentuamos a constância daquela Assinante de Paço de Aroços que partilha, mensalmente, o vencimento com os Pobres: 3.500\$00.

Muito obrigado.

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

as famílias ocupassem os seus lugares e assumissem as suas responsabilidades.

O princípio da normalização flui do anterior. Para uma integração real há que fazer todos os esforços em ordem a recuperar o mais que se puder, se possível totalmente, o deficiente. O recurso às técnicas mais avançadas, por parte de todos, sejam eles pobres ou ricos, é, pois, um imperativo moral. Onde tal seja inviável, por falta de meios adequados, há que procurar sempre a obtenção de resultados que permitam um teor de vida e de actividades que se aproximem, tanto quanto se possa, da normalidade, para todos, sem excepção. Não tem sentido, por exemplo, que as estatísticas digam que apenas cerca de 11.000 das 170.000 crianças e adolescentes considerados grandes deficientes têm assistência em estabelecimentos de ensino especial!

O princípio da personalização diz-nos que em todos os esforços a realizar em ordem à recuperação dos deficientes, total ou possível, se deve sempre considerar, proteger e promover, antes de tudo, a dignidade, o bem-estar e o de-

envolvimento integral da pessoa deficiente, em todas as suas dimensões e faculdades físicas, morais e espirituais). Quer dizer, o deficiente é uma pessoa e como tal deve ser considerado; indivíduo que é, deve também excluir ou superar ambientes de colectivismo ou de anonimato para que tantas vezes é lançado.

Terminamos com uma palavra de apreço por todos aqueles que heroicamente assumem as suas responsabilidades e dão o melhor que sabem e podem aos seus deficientes, em cuidados, desvelo e amor. Para os deficientes, sejam eles quem forem, unidos às suas dores e aos seus sofrimentos, uma sentida expressão de solidariedade e de conforto.

● Passou no dia 16 de Outubro o «Dia Mundial da Alimentação», no 35.º aniversário da FAO. Habitados como estamos a comemorar dias disto e daquilo, não sabemos se a efeméride teve a devida repercussão, já que o problema da alimentação (ou da fome) é da mais crucial acuidade e importância para o futuro da Humanidade, não se compandecendo com uma sim-

ples recordação ou lembrança.

Dizem-nos os números que vivem no mundo 320 milhões de pessoas subalimentadas e que, todos os anos, morrem 50 milhões de inanição. Infelizmente, no que concerne ao nosso País, não possuímos dados elucidativos. Seja como for, não será atrevimento dizer que há largos sectores da população subnutridos, por falta de recursos materiais ou por ignorância crassa em tudo o que se refere a dietética. Comer muito, até abarrotar, é o que muita gatinha entende por

alimentação, sobretudo se for bem regada.

Neste problema há, pois, duas facetas a ter em conta: o da quantidade e o da qualidade dos alimentos que estão à disposição das pessoas, sem que haja uma alimentação racional e equilibrada, podendo até haver fome fisiológica; o da capacidade ou não de as pessoas terem os alimentos indispensáveis à sua sobrevivência. Proximamente nos referiremos ao assunto.

Padre Luiz

Casais da Obra da Rua em tempo de reflexão

Com início a 29 de Outubro e finalizando no dia de Todos os Santos, decorreu, em Fátima, o Retiro espiritual dos Casais ao serviço da Obra da Rua.

Foi uma paragem no tempo, no dia-a-dia desta vida agitada, para uma reflexão — o mais profunda possível — sobre o que somos e para onde caminhamos.

Padre Barros — do Seminário dos Carvalhos — esteve connosco para nos ajudar a encontrar o Caminho, a Verdade e a Vida. Se o conseguiu ou não, só cada um de nós poderá responder. Mas, a avaliar pelo modo como tudo decorreu, acreditamos que sim.

«Se lá fora fosse assim, seria maravilhoso» — dizia um dos participantes. Sim; seria maravilhoso. E será cá fora, no dia-a-dia do nosso trabalho, no nosso empenhamento na Obra, na convivência com os Outros, na nossa vida em Família, nas nossas pequenas Famílias, no meio deste mundo materialista, agitado e turbulento, pouco dado à reflexão sobre as coisas do Além, que o nosso Retiro poderá ou não dar frutos.

Temos gravado no espírito aquele bocadinho vivido com as Irmãs do Padre Foucauld, que antecedeu uma ce-

lebração da santa Missa. O testemunho de vida, o sentido de pobreza, a alegria em cada rosto — palpitante em toda a casa — terá sido dos momentos mais cheios e marcantes deste Retiro, que terá dado a cada um a certeza de que vale a pena lutar.

«Não foi por acaso que nos encontramos em Fátima; podia ter sido em qualquer outro lugar» — dizia Padre Barros. Assim acreditamos. Que todos tenhamos sentido mais intensamente o bafo carinhoso da Mãe de Jesus e nossa Mãe; e Ela possa ser, de facto, a nossa intercessora junto de Seu Filho.

Que este Retiro não se apague em nossas vidas e os propósitos tomados por cada um possam ser cumpridos.

Pena foi não poder estar presente a totalidade dos nossos casais! Que cada grupo, em suas Casas, os procure absorver; e todos, em conjunto, possamos trabalhar para vencer poeiras que minam, por vezes, a nossa amizade.

A todas as pessoas que colaboraram connosco e nos serviram, o nosso obrigado; muito especialmente ao Padre Barros, do Seminário dos Carvalhos.

Bernardino F. Rocha

PARTILHANDO

Hoje faz anos o «Tomate». Onze anos bem bonitos! Festejados no Lar do Porto e a distribuir O GAIATO em dia feio de Outono e com chuva.

De manhã, ao pequeno-almoço, lembrámos os seus anos. E a força desta lembrança não é nossa, mas dele. Eu vou explicar:

Ontem, «Tomate» veio dizer-me que fazia anos. Todas as crianças gostam de ser lembradas e amadas, mas nem todos se lembram de amar também... Ora o «Tomate» não; lembrou os seus anos para pedir isto: — «Depois posso levar uns bolinhos ao «Balela»? É um seu irmão «batatinha», que tem olhos negros e profundos.

Eis a contradição das coisas nas pessoas: o aniversário dá direito a receber e a pedir prendas e atenções!

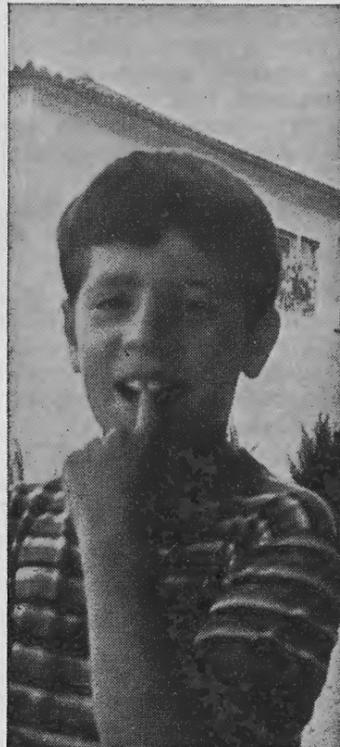
Aqui, não foi assim: o «Tomate» pede para oferecer prendas grandes no dia do seu aniversário... As atenções soube desviá-las com amor para o seu «Balelinha!» O aniversariante é, assim, o sujeito da acção e não objecto de... «Em vez de ser ele a receber é ele a dar!» — conclui Armelino, depois de lido e explicado tal conteúdo.

Há aniversários importantes na vida do mundo das pessoas. Onde nada falta, desde as velas ao bolo grande e às pren-

das bonitas... E onde tudo acaba e se consome!

Aqui, os bolecos não aguentavam o peso da vela e os convidados não traziam prendas... Apenas o «Tomate» tinha a sua prenda para o «Balela!» A prenda que não acaba nos bolos comidos?...

Padre Moura



«Tomate»: onze anos bem bonitos!

Imagens do quotidiano

A problemática da Fome requer a atenção de todo o Mundo que, face aos meios de comunicação (não falando já do ponto de vista cósmico...), hoje pouco mais é do que uma aldeola.

Referindo-se à Cimeira de Cancun (México), a emissora da Santa Sé — porta-voz da Igreja — afirmou que «somente através de uma profunda e séria reflexão pode surgir a esperada conversão dos corações capazes de infundir uma nova esperança nos Pobres de todo o Mundo, indo ao encontro das suas necessidades».

O secretário-geral da ONU — dirigindo-se também aos

vinte e dois altos responsáveis das nações participantes na Cimeira — disse ter «a convicção de que, nesta reunião, a via poderia ser aberta de forma a que as negociações globais, sobre a forma de cooperação, pudessem ter início no próximo ano»; e a ONU, «porque é universal, transcende as diferenças e as disparidades», sendo, por isso, «a instância melhor colocada para lançar este processo».

As individualidades que reuniram em Cancun, representam oficialmente mais de 2.000 milhões de cidadãos de países

Cont. na 4.ª página

TRIBUNA DE COIMBRA

Já há muito que não ia àquele bairro. Noutros tempos fomos todas as semanas e Pai Américo fez dali um dos seus primeiros poisos como «recoveiro dos Pobres». Agora com o aspecto exterior mudado ficamos com a impressão que a vida já é para todos mais humana.

Foi uma tarde soalheira deste Outono. Aquela imensidade de barracas de outrora já se não vê. Deram lugar a casinhas mais airoas à vista. O interior não sabemos. Pelas pequeninas superfícies cobertas ficamos com a convicção de que por dentro a vida não terá mudado muito. Há barracas, mas são menos numerosas e mais escondidas.

Fui andando pela encosta e, a certa altura, um homem ali habitante disse-me que na barraca solitária, ao fundo, vivia um «velhote sózinho». Falámos. Viveu sempre só e muito longe. Os anos cansaram-no. Já esteve internado em lares e asilos «mas aquilo metem-se muito uns com os outros e eu não gostava nada daquilo». Vive duma pequenina pensão e enquanto se puder mexer vai tapando os buracos da barraca por onde o tempo vai entrando à vontade. O que ele mais teme são os dias em que se não poderá mexer.

A segunda paragem foi à

porta de casal amigo de há muito. Estava um filho tornado agora criança pelos maus tratos da própria mulher. Para os pais ele voltou a ser o seu «querido menino». Para ele os pais voltaram a ser «os paisinhos» e cobre-os de beijos e de festas. Este filho estava internado num hospital muito distante e o pai foi buscá-lo, pois aquele estado não é de recuperar saúde. «Ele é nosso filho» — diz o pai com lágrimas nos olhos e sorriso nos lábios.

Já de volta, a última conversa foi com mãe de cinco filhos que lhe custaram muito a criar e que conheci a todos. Hoje o que mais a aflige é um dos filhos mais novos, casado e pai de três filhinhos, mas muito doente por efeitos da droga. O marido tem um ordenado pequenino e ela faz boflos «para valer àquela desgraça». Ela contou muitas coisas e «muitas desgraças».

A tarde ia findar e eu desci a encosta em direcção à igreja de Santa Cruz. No altar onde celebrámos a Eucaristia apresentei ao Senhor aquela tarde toda e aqueles irmãos todos: O «velhote sózinho» na sua barraca solitária, com uma pensão de miséria, a tapar buracos, complexado com internatos, com medo dos dias que não

de vir. Os pais de novo voltados para um dos filhos que criaram e que a doença obrigou a ser outra vez o «seu menino»; e eles felizes porque entendem e aceitam a sua miséria. A mãe angustiada com a sorte do filho, à procura de meios para comprar medicamentos que ainda o ajudem a ser feliz. Todas aquelas fendas que vi em tantas casas e todo aquele lixo que corre pelos pequeninos regos de sujidade. Todas as crianças que encontrei a brincar e a jogar à bola no pequenino terreiro batido.

Apresentei também ao Senhor todas as barracas esburacadas do mundo inteiro e todos os seus habitantes com medo dos dias que não de vir. Os pais que não se querem voltar para os filhos, com os olhos nos olhos, que é a melhor forma de amar e criar. Os pais que não querem filhos, que não querem sair de sua paternidade egoísta e vazia. Os pais dos filhos doentes que exigem sempre os cuidados de infância. Os pais dos filhos drogados que vivem uma vida de sobressaltos e de angústia. Todos os drogados do mundo inteiro. Toda as crianças que brincam e que têm de brincar em lugares impróprios para recreio. Todas as crianças e todos os filhos que os pais não querem.

Tudo apresentei ao Senhor e pedi-Lhe que nos ensine a estar mais atentos e de coração mais aberto aos Outros.

Padre Horácio

é a aceitação por cada qual da sua pobreza entitativa. Só «os Pobres são amigos dos Pobres». E não se trata aqui de mais ou menos carência de bens materiais! Quem não armar o seu espírito com a virtude (a força) da Pobreza, jamais será capaz de entender, de amar, de servir os Pobres... e também os Povos que esperam há milénios a luz e a ordem que nunca saiu das disputas do orgulho e da ambição.

Torno a recordar aqui, aquele desabafo entristecido de um homem bom que serviu e sofreu no campo belicoso da **res publica**: «A Humildade não é virtude dos políticos».

Desgraça! se assim é. Sem ela, nada; não se chegará a nada.

A palavra transcrita de Pai Américo, sim, aponta o método que leva a nova Ordem capaz de melhorar a sorte dos homens. Passa pela conversão de cada um.

E ele próprio a ilustra, a partir do acontecimento que o texto evoca, com a sua atitude confessada: «Sentei-me na palha mais eles (os dois garotos) a ouvir as palavras daquela Mulher, envergonhado de ter feito tão pouco, eu, com mais recursos do que ela!»

Assim disputam os Humildes. Por isso tão fecundos!

Padre Carlos

«OS POBRES SÃO AMIGOS DOS POBRES»

Cont. da 1.ª página

«destes garotos a dormir sobre palha de centeio», «outras crianças dormem em brocados, sem se considerar palhas nem penas alheias». E continua com palavras que, por serem de Verdade, embora duras, são portadoras de Esperança; embora de há quarenta anos, têm hoje a mesma actualidade — e quem dera fossem meditadas pelos que se julgam capazes e preparados e pretendem lugar no cimo das Nações:

«Não se sabe quem trouxe ao mundo a doutrina de que uns nascem para baqueta e outros para tambor; sendo mais provável que ninguém na ensinou, antes cada um a faz e toma para si. E tão fundas raízes tem esta doutrina lançadas no seio da Humanidade, pelo bem que sabe e uso que tem, que somente em nossos dias, com brutais lições de guerras, se começa a ver que não está certo e até já se fala pr'af em uma nova ordem de coisas. A qual ordem, a ter de vir, não será com certeza a última palavra enquanto for, como está sendo, disputada e não concordada.»

Se geralmente se procura melhorar a sorte dos homens dentro de nova ordem social, os Dirigentes do mundo deveriam começar por se unirem entre si e depois ditar — para assim haver Ordem.»

Quem pode, de boa-fé, negar a oportunidade destas considerações de há quarenta anos no mundo a que assistimos?

Nenhum homem é capaz por si, nenhum suficiente em si «para melhorar a sorte dos homens dentro de nova ordem social», se não se dispuser convicta, sinceramente, a aceitar de outros a sua parcela de verdade e de bondade, de forma que a disputa das ideias conduza à concórdia numa ideia fecunda, eficaz; que a tentação da hegemonia seja vencida por um profundo anseio de união — «para assim haver Ordem» e os Povos, em vez de joguete ao capricho daqueles que se arvoram em seus guias, sejam verdadeiramente servidos por eles como é digno e justo.

A democracia é, realmente, a fórmula cristã de governo das Nações. Mas, como todos os valores cristãos, exige de quem os usa a Humildade que

NOTAS DA QUINZENA

Continuação da 1.ª página

terá que sair porque outro dono comprou a propriedade. Não tem casa. Não tem voz. E o salário do pai é cada vez mais mínimo.

Fizemos festa; ouvimos sermão; ao vento, todos os estandartes; deitámos foguetes. Mas, nos enganámos! Deus não estava lá! Nada ouviu!

Ele estava e está na família do casebre — mastigando o pequeno salário do pai de família.

Na romaria estive o bezerro — o ídolo de pedra... a que nós rezámos.

Quando os cristãos, deste local, se reunirem para darem a mão àquela família e a libertarem... encontrarão o Senhor, o Deus Vivo! Só então.

3 O Miguel, nosso gaiato desde os cinco anos, comprou um terreno. Mostrou-o com alegria a sua noiva, a nós e aos amigos.

Todos as suas economias da juventude num palmo de terra! Agora, um empréstimo e uma luta de gigante para construir o seu ninho!

«Direito à comida bastante e à água tratada; direito à terra e à estrada; direito à cultura e à liberdade.»

Depois de mortos todos teremos o talhão preciso. Porque não em vida, um naco de Pátria para construímos nele nossos sonhos — que são a sua grandeza?!

Padre Telmo

IMAGENS DO QUOTIDIANO

Cont. da 3.ª página

pobres e 560 milhões de habitantes de países ricos, ou seja três quartos da economia mundial.

Segundo nos foi dado saber, vários porta-vozes salientaram a atmosfera de compreensão demonstrada pelos participantes; tendo algumas delegações considerado positiva a intervenção norte-americana, que se comprometeria em um «**novo processo preparatório**» conducente a negociações entre as nações ricas e pobres. Um representante da África setentrional chegou mesmo a apresentar um plano mundial «**para fazer desaparecer a Fome no Mundo nos próximos vinte anos**», mas cujos pormenores não foram revelados. A França, por sua vez, acrescentou que não valeria a pena dizer, seja o que for, enquanto «**não**

tivermos abordado, francamente, o estado extraordinariamente precário em que se encontram os países pobres — produtores de matérias-primas e, por vezes, dependentes da produção de uma única matéria-prima — submetidos à especulação e não às leis de um mercado livre, sacudidos pelas variadas taxas cambiais e incapazes, por isso, de se ligarem a contratos duradouros de **co-desenvolvimento**»; acentuando «**que se trata de um problema importante**». Mais notas positivas: o Japão expôs os meios que lhe permitiram superar a crise alimentar; e a Índia, importantes acções pelas quais procura resolver, na medida do possível, uma situação de fome no seu vasto território. Portugal não esteve presente — mesmo a título de observador.

Júlio Mendes



Tiragem média por edição no mês de Outubro: 48950 exemplares